



Fogo, Cinzas e Nada

Delicada historia de amor,
produzida pela Metro-Goldwyn,
— e distribuida no Brasil pela —

Paramount-Picture



- | | |
|-----------------------|-----------------|
| Jean Leonnec | RAMON NOVARRO |
| Marise La Noue | Enid Bennett |
| Hugo Leonnec | Frank Currier |
| O apache Bô-bô | Wallace Berry |
| Dagut | Mitchel Lewis |
| Madame Charpiéd | Risita Marstini |
| Seu marido | Sydney Franklin |
| Mamã Bouchard | Emile Fitzrey |
| Papá Bouchard | George Feriolat |
| Nana | Rosesnary Theby |
| Madame Pousset | Milly Davenport |
| O "Touro" | Gibson Coulant |
| O "Sapo" | Dick Sutherland |

FOGO, CINZAS E NADA

(Metro-Goldwyn — Paramount-Picture)



EVE e perfumado, o ar que inundava os campos naquella linda manhã de primavera parecia encher de tranquillidade e amor as creaturas. Pelos campos, as amendoeiras em flôr, os trigos, os vinhedos, tudo anciava por uma vida nova, tudo dizia esse hymno de belleza e força que é o renovamento da terra, a cantante e doce primavera. Estação que mais falla aos corações amantes e bons, os que lhe sentiam o perfume deixavam-se embriagar de amor, vivendo, com a terra, o seu ardente palpar de inergia vital, nessa ridente terra do sul da França.

Pelo arvoredo, os passaros chilreavam alegremente; das torres das egrejas subia o som alacre dos sinos; o sol enchia os campos e as almas de luz. Pela estrada, felizes, tranquilllos, bebendo nos olhos um do outro toda a paixão que lhe trazia loucos os corações, seguiam em uma pequena carroça, que um manso burrico puxava, Jean Leonnee, o filho do Sr. prefeito de Brittant, formosa e florida villa perto da cidade de Vivienne, e a sua linda namorada, Marise La Noue, flôr de candura e de graça, pobre de haveres mas rica de sentimentos, por quem elle andava perdido de amores. A carroça seguia vagarosamente. Parecia que o pobre animal comprehendia que aquelles dois corações, a quem a paz de um amôr sincero enchia de serenidade, não tinham pressa de chegar. Quanto mais vagoroso elle seguisse, mais duraria o sonho que os enchia de prazer. As redeas iam soltas; a estrada estava livre; e o paciente animal conhecia de sobejo o caminho para casa. Não havia pressa. De

I

quando em quando cortava a estrada a marcha rapida de um trem. Iam nelle os apressados da vida; os que viviam na vertigem da existencia moderna. Que lhes importava? O amor das almas simples não comprehendia a voragem das cidades; o seu ambiente era a tranquillidade dos campos. E naquella linda manhã de primavera os dois amorosos pareciam mais felizes do que nunca.

No pequeno burgo de Brittant passavam-se no entanto, nessa mesma linda manhã, coisas bem tristes para o lindo coração de Marise. Estava o Sr. prefeito tranquillo na sua prefeitura, em que o mais difficil era encontrar alguma coisa com que preoccupasse o seu espirito, quando no gabinete contiguo ao seu se ouviu uma grande balburdia, quebrando o silencio costumeiro com que os amanuenses trabalhavam. Já o Sr. prefeito de Brittant se dispunha a inquirir quem assim alterava, tão violentamente, o socego da sua prefeitura, quando o guarda campestre, que estava a seu serviço, entrou no gabinete como um furacão. Fôra elle o auctor daquelle intempestivo ruido. Os amanuenses não o queriam deixar entrar no gabinete do prefeito porque para tanto lhe faltava categoria. Entrar sem se fazer annunciar era uma falta de respeito. Mas o guarda, que era homem de genio, não esteve pelos ajustes, e, empurrando um, atropelando outro, como um raio penetrou no gabinete do prefeito.

— Que ha?... que ha?...

E o pobre homem, de tão apressado que vinha, quasi não podia falar.

— E' o sapateiro... o sapateiro... La Noue que está a morrer!

A vida simples, pequena, acanhada, daquelle burgo, dava ao seu prefeito destas preoccupações ridiculas, para que não se visse por completo falho dellas. Accrescia

que o sapateiro era devedor á fazenda publica de grandes quantias, pelo que, á sua morte, tudo devia ser arrolado e vendido. Como se se tratasse de um acontecimento da mais alta importancia, S. Ex. empertigou-se, collocou solememente o seu chapéu e partiu com toda a sua gravidade para casa do sapateiro La Noue que, a essa hora, amparado pela caridade de um sacerdote, entrava na agonia.

Marise, sua filha, sem de nada suspeitar, seguia pela estrada florida com o seu Jean, descuidadamente, trocando, de quando em quando, um longo e apaixonado beijo. Mas ao entrarem com a sua carroça nas primeiras ruas do burgo, espreitados pela curiosidade maldicente da gente velha, tomaram certos ares de seriedade e compostura. Perto de sua casa, Marise notou que a olhavam com certa curiosidade triste. E quando a carroça entrou na estreita rua em que morava, os seus olhos espantados viram um enorme ajuntamento á porta de sua casa. O coração bateu-lhe mais forte no receio de uma grande desgraça. Nesse momento, o Sr. prefeito Leonnee entrava a porta da casa humilde.

Marise, pulando da carroça, correu anciosa a sua casa, rompendo o povoleu que se apertava á porta. Um grande golpe a esperava. Seu pae acabava de morrer. Os braços carinhosos do sacerdote vieram amparal-a, acarinhá-la, dizendo palavras de consolação.

— Foi o coração, minha filha, que matou seu pae. Pense em Deus e na sua infinita misericórdia.

Marise ajoelhou junto ao pobre leito daquelle que, com o seu trabalho rude, fôra o seu amparo. Beijou-lhe entre lagrimas a mão fria e longo tempo ali ficou soluçando, gemendo a sua dôr, e o abandono em que ia ficar no mundo.

No dia seguinte, após terem sido levados á terra os restos miserandos de sapateiro La Noue, o Sr. prefeito Leonnee entrou, com o seu guarda campestre, na mansarda do sapateiro, e arrolou todos os haveres, que pertenciam desde então á fazenda publica. Partidos os laços que a ligavam áquella casa, perdida a ultima esperança de ainda ali continuar, Marise dispoz-se a partir, tão pobre e sosinha, e a ir implorar a caridade de um agasalho em casa de uns parentes que ali perto viviam, que a não conheciam e a quem ella não conhecia tambem.

Os olhos cheios da luz da saudade, ella vê a crueldade do prefeito e dos seus guardas em desfazerem, naquelle pobre tugurio tudo quanto constituiu até ali o seu lar, o seu ninho. Uma grande força a prendia áquelle canto, mas o Sr. prefeito é deshumano e rancoroso e quer expulsal-a o mais depressa possivel:

— Saia, saia! Não pode ficar aqui!

E' preciso partir. Cá fóra, Jean, indignado com a asperesa e crueldade de seu pae, condul-a carinhosamente. A vizinhança cus-cuvilheira e intrigante, espreita aquelle formoso par, achando motivos de indignação em vêr o filho do Sr. prefeito levando pelo braço, num doce aconchego amoroso, Marise La Noue, a filha do sapateiro.

O Sr. prefeito chegou á porta, ainda a tempo de vêr esse quadro sentimental e delicado, e não pôde soffrear a sua indignação, o seu orgulho ferido. Chamou energicamente Jean. Este, sem querer desobedecer a seu pae, a quem o ligava uma grande amizade, dispoz-se a obedecer-lhe. Antes, porém, trocou as ultimas despedidas com a sua querida Marise, com aquelle lindo coração, a quem amava desde a infancia.

— Dêsse o que se der, jura que não me esquecerás!

— Como hei de esquecer-te, meu amor, se o meu coração não tem no mundo a mais ninguem. Amo-te e hei de amar-te sempre, ainda que com um amor sem esperança, porque sei que teu pae não permittirá nunca que eu seja tua esposa. Mas o amar-te tanto já me basta.

— Não penses assim. Um dia virá em que o sol da felicidade inundará o ceu do nosso amor com a sua luz e calor. Tem confiança na sinceridade do meu amor e basta.

E ainda entre mil protestos de amor, os dois namorados se separaram. Já no extremo da estrada, Marise voltou-se ainda uma vez para a casa em que fôra feliz, e de lá Jean lhe disse adeus, com grande indignação das velhas vizinhas e do Sr. prefeito, que censurou asperamente o filho pelo seu procedimento leviano. Jean não deu atenção ás censuras paternas. Ficou para ali a pensar na infelicidade da sua bem amada e no seu futuro, que se lhe antolhava triste.

Marise foi seguindo o seu caminho em direcção á casa dos seus desconhecidos parentes. Após longa e dolorosa caminhada,

alli chegou, e o que viu encheu de profunda magua o coração. Era uma triste e miseravel mansarda, onde á repugnancia physica se juntava a repugnancia moral. A vida das creaturas que ali existiam era uma tragedia. Um ar abafado e repugnante estonteava os que ali tinham de penetrar. O marido, pois era um casal com duas filhas, vivia entregue permanentemente ao vicio do alcool, que o levava a aggreir aquellas in-

manente revolta, na mais profunda e desoladora miseria moral e physica.

Tal a casa e taes os parentes onde foi dar, uma noite, a infeliz Marise. Precisamente, quando ella entrava, Charpied e a esposa altercavam violentamente, tendo o embriagado atirado com uma garrafa á cabeça da mulher, por pouco não lhe acertando. Na mesa nua havia restas de comida. Tinham acabado de jantar, e as creanças lamhusadas



O sr. prefeito é deshumano e rancoroso...

felizes que o soffriam. E se o marido, o odiado Charpied, era assim um typo repugnante, asqueroso, a mulher, em que tinham morrido todos os encantos femininos, era uma megera sem entranhas, que egualava em tudo o marido. A casa, uma pocilga; as creancinhas viviam desagasalhadas, sujas, repellentes, soffrendo castigos tremendos daquellas duas creaturas miseraveis, a quem só por escarneo podiam chamar seus paes. Era um lar em plena e per-

mettiam as mãos nos pratos, comendo como animaes os restos que ali se encontravam. Porque Charpied não ficára satisfeito com a comida que a mulher lhe apresentára é que nasceu a altercação, que ia no maximo da violencia, quando a porta se abriu e entrou Marise.

Deante daquella apparição, as *hostilidades* cessaram. Marise ficou um instante surpresa em presença daquelle quadro pouco conso-

lador. E como nada lhe dissessem, ella applicou:

— Eu sou... Marise.

Ha muito tempo que elles a não viam e por isso a não reconheceram immediatamente. A pobre menina contou toda a triste historia da sua vida: a morte do pae, o desabrigo em que ficára, a necessidade que tinha de os procurar. Marido e mulher entrecolharam-se. Era uma bocca a mais. Mas, em compensação, á mulher agradou a ideia de que Marise ficasse ali, porque assim aliviaria um pouco a canceira de tratar dos filhos e de cuidar dos affazeres caseiros, para os quaes não tinha nenhuma especie de paciencia. E Marise foi accete, dando-se-lhe desde logo obrigações a cumprir, para que não fosse de graça o pouco que comia. Foram longas horas de soffrimento, primeiro que ella, sempre cuidadosa da sua pessoa, vivendo pobre mas decentemente, se habituasse aquelle ambiente de negligencia e de miseria. Com o tempo, e com a sua influencia, em algumas coisas o asqueroso tugurio foi melhorando. As creancinhas, sobretudo, foram as que mais beneficiaram com a presença de Marise, que dellas cuidava com inteiro carinho.

Em Brittant, Jean não se conformava com a partida da sua querida Marise. Vivia atormentado pelo mais cruel soffrimento, a ponto de chamar a attenção de seu pae, que o censurava por aquelles amores infantis e de tão desigual situação social. Jean retorquia:

— Ella é pobre como um anjo, bem o sei: Mas eu amo-a, e, logo que eu possa, procural-a-hei e casarei com ella!

O prefeito ficava irritadissimo com a teimosia do filho e jurava-lhe que, enquanto elle visesse, semelhante casamento se não realisaria.

II

E os dias iam passando, tristemente, para Marise, naquella tremenda miseria que era a casa dos seus parentes. As continuas brigas; o vicio da embriaguez, em cada dia mais forte no miseravel Charpied, faziam-na chorar longas horas e ás occultas, com saudade da sua vida passada, da sua mocidade perdida, daquelle que nunca mais vira, e cuja imagem vivia eternamente no seu coração.

Uma noite, quando lá fora era intensa a chuva e sobre os campos se desencadeára

um tremendo temporal, Charpied, que nesse dia hebera mais do que nunca, travou-se de razões com a mulher, altercando e agredindo-se mutuamente. Marise estava apavorada. Da esposa passou a colera para as innocentes filhas, que tinham um medo pavoroso daquelle homem. Charpied, no auge da colera, lançou mão de um chicote e com elle se preparava para zuzzir o corpito magro da mais velha, quando Marise correu em seu soccorro. A pobre menina, tremendo de medo, agarrou-se ás saias de Marise, para que o chicote paterno não lhe tocasse. Foi um auxilio efficaz. Debalde Charpied tentou chicotear a infeliz creança. Marise não o permittiu, censurando-lhe ao mesmo tempo a crueldade.

— O Sr. não merece o nome de pae. O Sr. é um bruto!

Todo o furor do embriagado se voltou, então, contra Marise. O chicote silvou no ar e teria cortado o corpo de Marise, se esta o não evitasse a tempo, fugindo-lhe. Charpied parecia tocado da furia do inferno. Ergueu de novo o chicote e ia descarregal-o, com toda a violencia contra aquella rapariga que se atrevera a insultal-o. Marise não tinha outro remedio: fugir. Abriu rapidamente a porta e lançou-se apressadamente na rua. O temporal tinha-se tornado ainda mais violento. A chuva e o vento fustigavam as arvores, levando tudo de vencida. Os trovões e os relampagos eram temerosos. Marise, completamente molhada, hesitou alguns instantes sobre o caminho que devia tomar. Pela estrada, certamente, Charpied alcançal-a-hia. Ao lado da casa estava a cocheira dos magros animaes que Charpied utilisava na sua carroça. Para lá enveredou, na esperança de encontrar ali um refugio até ao dia seguinte.

Mas Charpied parecia não abrandar na sua furia. Indifferente ao temporal, saiu á rua logo após Marise, com o chicote na mão. Olhou para todos os lados na esperança de a encontrar. Subito, um relampago forte illuminou o espaço e á sua luz azulada viu o rosto de Marise, que, impensadamente, espreitava pelo vidro da janella da cocheira. O terrivel algoz correu sobre a porta, abriu-a e procurou febrilmente a sua victima. Marise, apavorada, correu de uma a outra divisão da cocheira, procurando inutilmente evitar a aggressão. Em breve a primeira chicotada lhe alcançava o vestido completamente mo-

lhado e colado ao corpo. Restava-lhe fugir de novo para a estrada, onde o temporal continuava. Foi o que fez. Logo que se viu na rua, procurou esconder-se o melhor que pôde daquelle homem cruel. Charpied correu de novo á estrada em sua perseguição. Mas não a encontrando, desistiu dos seus intentos ferozes e regressou a casa.

Marise, completamente molhada, mas sem que o pavor por Charpied lhe deixasse pensar no tremendo temporal que a fustigava, foi correndo sempre. Passou pelo cemiterio, onde seu pae descanzava ha tantos dias. Os relampagos mostravam-lhe as cruzes que encimavam as sepulturas. Em qualquer outra occasião sentir-se-hia, por certo, morrer de medo. Mas naquelle momento só a apavorava a figura de Charpied, de chicote em punho.

E foi correndo sempre pela estrada fóra. Instintivamente, procurou um refugio na sua velha casa, a unica que sabia aberta aquella hora da noite. Ao chegar ali, hesitou um momento. Depois, enchendo-se de coragem, impelliu a porta que cedeu. Dentro reinava a mais profunda escuridão. Mas como ella conhecia de sobejo os aposentos, foi caminhando livremente, tanto mais que lá não havia o mais simples movel. A luz d'um relampago mostrou-lhe sobre a beirada do fogão um pedaço de vela e uma velha e suja caixa de phosphoros. Accendeu. Os seus olhos pousaram com prazer, de novo, naquellas paredes innegrecidas e nuas, onde em outros tempos fóra feliz. A um canto da sala havia ainda, pendente, uma imagem do Crucificado, que a justiça, tomada de escrupulo religioso, não quizera levar. Fóra aquella bemdita imagem a confidente dos seus sonhos de creança, dos seus devaneios de moça, de toda a sua existencia tão cheia de felicidades e tão tragicamente ferida. Resolveu, resolveu-lhe ainda com mais fervor do que nunca, e longo tempo esteve nessa supplica a Deus para que a protegesse e defendesse.

De repente, sentiu que a porta da rua se abria. Tomou-se dum medo, que a gelou. Quem seria? Nem se atrevia a olhar. Mas uns passos firmes se dirigiam para ella. Olhou. Pareceu-lhe um sonho. Era Jean que estava ali.

— Tu?...

E caiu-lhe nos braços, chorando.

— Eu vi luz, e vim ver quem era!... Mas como te encontras aqui, e neste estado?

E Marise contou, em poucas palavras, o que lhe acontecera, as agruras por que passára, o que tinha sido a sua dolorosa vida até aquelle momento, em que viera refugiar-se na sua velha casa, a unica em que podia penetrar.

Rapidamente, Jean foi em procura de combustivel para o fogão. Reunido, pegou-lhe fogo e chamou Marise para bem perto, para enxugar a roupa molhada.

— Oh! como tu tens os pés ensopados!

Descalçou-a e collocou os sapatos na pedra do fogão para que seccassem. Depois sentaram-se os dois, bem estreitados, junto daquelle fogo cariciador, e adormeceram.

Era já sol claro, quando Jean e Marise despertaram. No fogão a vela ardia ainda, mas o fogo tinha-se extinguido pouco a pouco, havendo ali apenas cinzas quentes. Lá fóra, nos campos, era o esplendor da luz e da vida. Ao temporal terrivel da noite succedera um dia primaveril. As flores, as arvores, as verduras, nos campos, pareciam rejuvenescer ao calor do sol que lhes bebia soffregamente a chuva que as inundára. Os passaros, que um temporal inelemente amedontrára nos ninhos, saltavam de ramo em ramo, chilreando, cantando. Era toda uma alleluia de luz e de amor.

Marise despertou como de um sonho mau, e surpresa por aquelle quadro e por vêr-se ali junto de seu querido Jean, perguntou anciosa:

— Que é isto?...

— E' a manhã! O dia, amor!

E foi então que ella voltou á triste realidade da sua existencia. Os lamentaveis acontecimentos da vespera vieram-lhe á memoria com toda a sua desconsoladora tristesa. Jean procurou tirar-lhe da ideia as preocupações. Riu com ella dos seus medos infantis. Riram ainda mais do estado em que tinham ficado os seus velhos e pequenos sapatos, que o fogo encarquilhara, tornando-se difficil calçal-os.

Mas depois dalguns instantes passados em plena felicidade, Marise voltou a pensar que não podia ficar ali.

— Jean, meu amor! Eu tenho que voltar para casa.

— Para aquella casa maldita? Não! Nunca! Não o permitto!

— Mas, santo Deus! O que hei de fazer?

— Não quero que voltes... Eu amo-te e quero que fiques a meu lado, para que eu te proteja.

— Mas como? Bem sabes o que teu pae costuma dizer.

— Não importa o que elle diga. Eu amo-te e hei de casar-me contigo, minha doce Marise.

— São sonhos teus, que elle nunca deixará que se realizem. Sabes bem que elle faz o que quer.

homem verdadeiramente decidido a romper com todas os preconceitos, a realizar todos os seus sonhos. A alma tímida de Marise sentiu-se animar com o entusiasmo do seu querido Jean. Em todo o caso, era possível. Por que não haviam de ser felizes? Não se amavam sinceramente? E novas esperanças nasceram no coração da infeliz menina. Trocaram de novo protestos ardentes de amor. Mas era preciso que Marise soubesse. Com a sua coqueterie tão natural foi endireitar o



— O sr. não merece o nome de pae; o sr. é um bruto!

— Não importa, repito. Desobedecer-lhe-hei se tanto fôr preciso.

— E do que iremos viver?

— Do meu trabalho. Não tens confiança em mim?

— Tenho sim, meu querido Jean. Mas trabalhar aonde? Aqui? Ninguém te daria trabalho, com receio de aborrecer teu pae.

— Iremos para outro lugar, para longe. Para Paris, por exemplo.

A voz de Jean tinha o calor da de um

penteador aos vidros de uma das janellas da velha casa. Depois tratou de calçar os seus encarquilhados sapatos. Jean voltou, sorrindo, o rosto, para não envergonhar a sua amada Marise, cuja belleza igualava a candura. Estavam preparados para partir. Para onde? Lá fóra se resolveria.

A essa hora, porém, já a intriga andava tecendo, em volta das suas esperanças, a sua teia de maldades. Ainda madrugada alta, as velhas vizinhas de Marise tinham-se le-

vantado, como de costume, e ao abrirem as janellas quasi desmaiaram de surpresa ao verem luz na abandonada casa do sapateiro La Noue.

— Quem será?... indagaram umas as outras, cheias de curiosidade, e, talvez, com um pouco de medo.

Sem se arredarem um instante, estiveram no seu posto de observação até que o sol veio tudo illuminar com a sua luz gloriosa. Ahi o seu espanto subiu de ponto. Marise e Jean?! Que tinham estado ali a fazer aquellas duas creaturas! E logo uma suspeita criminosa, vil, filha de almas pequeninas, maculou na sua imaginação a pureza daquella pobre menina a quem todas as infelicidades pareciam querer perseguir. Correram a prevenir o Sr. prefeito da grande descoberta, aguardando atrás da sua janella de curiosas observadoras a marcha dos acontecimentos.

O prefeito Leonnec, quando o foram avisar de que seu filho Jean passara toda a noite junto de Marise, na casa que esta habitara com o fallecido pae, voou, como um raio, para ali, entrando violentamente na sala e vendo confirmado o aviso recebido. Jean e Marise preparavam-se para partir. A aparição do prefeito deixou Marise aterrorizada. Atrás do pae de Jean vinha um numeroso grupo de populares, ávidos de escandalo e prevendo o que ia passar-se.

— Que significa isto aqui? perguntou irado o prefeito. Como te encontras nesta casa abandonada e em companhia dessa mulher?

— Meu pae! atalhou Jean, como a querer evitar algum insulto mais pesado.

— Vamos! Explica-te!

Então Jean, tomando-se de coragem e apertando Marise contra o peito disse, fitando o pae:

— Papae! Eu amo esta moça e quero casar-me com ella!

O prefeito riu, dum riso de escarneo, e disse com azedume:

— Queres dizer que estás agora “obrigado” a casar com ella!

O insulto fôra tão pesado, que se o prefeito não fôra seu pae, Jean o teria aggreddido. Marise, envergonhada, cobriu o rosto e chorou. O prefeito, longe de se apiedar daquella infeliz, ainda mais se irritou, dirigindo-se-lhe com verdadeira raiva:

— Suma-se desta terra! Não a quero ver mais aqui, sua pobretona!

E ia juntar o gesto as palavras, expulsando-a da casa, quando Jean a chamou de novo a si, e abraçando-se com ella, declarou firmemente:

— Se ella fôr, eu irei com ella!

O prefeito Leonnec parecia possesso. Injurou o filho; ameaçou-o de o desherdar; jurou-lhe que o não queria mais ver. E saiu furioso, por entre a multidão espantada. Pouco depois Jean e Marise saiam tambem.

A' noite, um trem resfolegava, estrada fóra, levando os dois namorados, felizes e apaixonados.

— Já estiveste alguma vez em Paris? perguntava Jean a Marise.

Não, nunca estivera em Paris, mas devia ser uma cidade maravilhosa desde que ella ia viver ali com o seu amado Jean. E um beijo ecoou na humilde carruagem de 3ª classe.

III

No dia seguinte um acontecimento sensacional alvoroçava a prefeitura de Brittant. O cofre apparecera arrombado e delle faltava o dinheiro das contribuições. Esse roubo, conjugado com o desaparecimento de Jean e Marise, facil tornou o acreditar-se que o autor do furto tinha sido o filho do prefeito. O Sr. Loannec recebeu com essa suspeita um golpe cruel.

— Meu filho transformado num ladrão!... Não o quero tornar a vêr!... Nunca mais... Nunca mais...

Mas com a sua preocupação de manter integro o nome honrado, ordenou que se procurasse o supposto ladrão e o detivessem.

Despreoccupadamente, Jean e Marise seguiam a essa hora no seu trem em direcção a Paris. Quando nasceu o dia, a cidade maravilhosa surgiu deante dos seus olhos deslumbrados. Desceram do trem e enveredaram pelo vasto salão da gare, a essa hora plenamente cheio de uma multidão que ia e vinha em todas as direcções, ou saindo dos trens ou correndo a tomal-os. Jean e Marise, como bons provincianos que eram, estavam como estonteados. Por fim Jean conseguiu collocar Marise em um banco afastado, livre daquelle turbilhão de gente, e re-commendou-lhe:

— Eu vou aqui syndicar de um logar onde possamos realizar immediatamente o nosso casamento. Volto já. E' um instante.

E saiu para fóra da estação á procura dos informes desejados. Marise ficou ali, sentada no banco, entre as duas maletas, chamando a attenção de quem passava pela sua formosura, e pelo ar ingenuo que tinha sob o seu capote claro de mulher do sul. Os seus lindos olhos azues iam-se presos áquelle enorme movimento de gente, como ella nunca vira. E os minutos passaram sem dar por isso, quando reflectiu que Jean já ha muito se separara della. Começou a inquietar-se.

Jean já tinha saido realmente ha muito tempo, mas o peor é que não sabia como voltar. A infelicidade parecia querer continuar a perseguir os dois infelizes namorados. Jean saira á rua na intenção, como dissera a Marise, de saber onde o seu casamento se podia realizar immediatamente. Apenas tinha dado meia duzia de passos na calçada, que uma voz desconhecida disse a seu lado:

— Olá, Jean Leonnec!

Quando Jean se voltou, um homem estava perto delle, segurando-lhe o braço, e logo outro individuo se approximou. O primeiro disse-lhe então com um sorriso ironico:

— Você está preso.

— Preso, eu? E por que?

— Não sabemos, mas está preso e bem preso ás ordens do Sr. prefeito de Brittant.

— A's ordens de meu pae?

— E' como "canta".

— Mas eu não posso ir preso sem saber o motivo.

— Isso depois se saberá.

Jean, num ultimo esforço, tentou desembaraçar-se dos guardas:

— Deixem-me! Tenho uma pessoa a esperar por mim.

— Quem fôr que espere. Não dispomos de mais do que dez minutos para apanhar o trem de volta para Vivenne!

E levando Jean com toda a violencia, entraram com elle na estação por outra porta, tomaram o trem, e dentro em pouco Jean voltava pelo mesmo caminho por onde tinha vindo. Levava o desespero no coração.

Marise, enquanto elle regressava a Brittant, esperava-o cheia de anciedade. A fome começava a tortural-a. Para maior castigo,

uma familia viera sentar-se perto della e tirou os seus farneis, comendo enquanto esperava a hora do trem que a havia de levar ao seu destino. Ganhando um pouco de coragem, Marise foi até a porta da estação a ver se encontrava Jean, cuja ausencia a começava a atemorizar. Durante isso, um gatuno audacioso, que lhe vigiava os movimentos, apoderou-se-lhe das maletas e desapareceu. Quando a infeliz menina voltou e deu pela falta, ficou horrorizada. Os lindos olhos encheram-se de lagrimas. Que seria della agora? Jean evidentemente desaparecera! Sem dinheiro, sem conhecer pessoa alguma numa cidade como Paris, o que fazer? Por Jean não havia mais que esperar. Evidentemente alguma coisa lhe acontecera de grave. Sem forças, quasi, para caminhar, Marise resolveu partir. Quando ella saia por uma porta da estação, Jean entrava por outra, sem que os dois tivessem podido ver-se. Tinham passado longas horas.

Como podera voltar Jean a Paris?

Durante a viagem em direcção a Vivenne, elle tentára sensibilisar os guardas, contando-lhes o quanto amava Marise; como deixára a infeliz moça na gare; e o quanto soffria por não saber o que lhe aconteceria. Os guardas quasi não lhe prestavam attenção. A certa altura da viagem, os guardas, para se distrairem, começaram jogando uma partida de bridge. Dentro em pouco, interessados no jogo, não deram mais attenção ao preso, que ia mergulhado na sua tristeza. De repente, no cerebro de Jean uma ideia salvadora surgiu: fugir. Olhou de soslaio os guardas crueis que continuaram dominados pela paixão do jogo. Num gesto rapido, abriu a porta da carruagem e, antes que os guardas podessem deitar-lhe a mão, precipitou-se no espaço, com o trem em vertiginosa velocidade. Os guardas ficaram espantados, mas nada puderam fazer. Jean, esperando o trem que devia descer para Paris, na primeira estação, chegou a cidade já passava da meia noite.

A essa hora, Marise, cansada de o esperar um dia inteiro, partiu da estação, precisamente quando elle entrava á sua procura. Caminhou a pobre menina, sem destino, sem conhecer siquer as ruas por onde seguia. A fome torturava-a. As suas pernas vacilavam; successivas vertigens quasi a lançavam por terra. Ella, porém, ganhava coragem e seguia. Parou, por fim, á porta de um restanrante,

onde entrou. Foi-se aproximando do baleão. Para que? Nem ella o sabia. Comsigo não trazia um "sou". De repente, os sentidos faltaram-lhe por completo. Tropeçou. Partiu um prato. Caiu. Correram varias pessoas a amparal-a. A dona da casa, que foi das primeiras, verificou immediatamente que a pobre menina o que tinha era fome. Deu-lhe algum alimento. Com as forças reconfortadas, Marise contou a sua triste historia e Madame Charpide condeu-se della e empregou-a no seu restaurante. Marise foi-se habituando á sua nova vida. Nas horas vagas, quando o serviço acabava, toda a sua preocupação era procurar Jean, que nunca mais vira e que julgava ter sido vítima de alguma desgraça. Se não fosse esse espinho doloroso a fazer sangrar o seu coração, a vida corria-lhe serenamente. Madame Charpide tratava-a com carinho. O marido, que era o cozinheiro, não lhe queria menos, até que um dia o pobre imbecil se deu para apaixonar-se por Marise.

Era a infelicidade que de novo a procurava. Marise fez de conta que nada percebia. Mas o homemzinho tornou-se tão atrevido, tão desabusado, que Madame Charpide resolveu pôr um ponto na historia, despedindo Marise.

— Bem sei — dizia ella — que a culpa é toda delle; mas, pelo sim, pelo não, podes ir arrançando a tua bagagem e sair.

Eis de novo Marise á mercê do acaso, em plena rua.

E, entretanto, Jean não descansava em procural-a, tremendo a cada vez que na sua presença um guarda se postava. Sem saber o motivo por que o tinham prendido, estava convicto que esse motivo subsistia e que novamente o iriam deter. Tal não suc-

cedia, porém. Quando os guardas chegaram a Brittant e contaram ao prefeito Leonnee o que se passára, o velho, irritado, respondeu-lhes:

— Não necessito mais que andem atrás de meu filho. Este individuo acaba de confessar o roubo.

E apontou o amanuense da prefeitura, que confessara o arrombamento do cofre e o furto do dinheiro.

Jean, porém, de nada disso sabia. Continuava a julgar-se perseguido, sendo uma tostura para elle vaguear por Paris á procura da sua Marise, tendo de occultar-se, a cada passo, da policia.

E vagueiava, desorientado e triste, dia e noite, quasi sem se alimentar pela cidade immensa. Voltava a cada passo ao ponto em que a deixara na estação, na esperança de que alli tivesse voltado. E nada. Passam dias. Já não é um homem que caminha. É um espectro. O cabello em desalinho; o rosto pallido e triste; a roupa enlameada, Jean vae, de rua em rua, de praça em praça, olhando em todas as direcções, parecendo mais um louco, em procura da infeliz que

por sua causa se perderia naquella cidade maldita.

A' noite, o corpo cansado, exausto, deitava-se para alli, para um banco do jardim, dormindo ao relento, para, madrugada alta, continuar a sua peregrinação. Até que um dia cançou, convencendo-se que para sempre perdera o seu querido amor. Veiu-lhe então uma raiva enorme, tremenda, contra as impiedades da vida. Pensou em morrer. Mas, uma vaga, uma tenue luz de esperança, illuminava a sua alma. Quem sabe se ella ainda viveria?!



Íelizes!

A essa hora, precisamente, a infeliz Marise saía com a sua roupa do restaurant donde tão injustamente fôra despedida. Fazia um nevoeiro denso. Quando ella saiu á rua, chorando a sua infelicidade, um sujeito a seguiu. Era um desses muitos degenerados que nas sombras da noite esperam infelizes, victimas das suas fraquezas moraes.

IV

Uma noite de nevoa e frio cobria Paris. A's margens do Sena, junto a um dos para-peitos da ponte de Alexandre III, um homem dormia a somno solto sobre um dos bancos que alli se encontram. Já bem alta noite, uma pobre menina alli foi parar tambem, deixando cair o seu corpo caçado sobre o banco velho e sujo. Era Marise. Quantas horas ella vagueára pela cidade, após a sua saída do restaurant, donde tinham despedido, nem ella sabia dizer. Caminhára, caminhára, sem destino, o coração despedaçado por todas as agruras, até que, os pés magoados, sem mais poder andar, adormeceu naquele banco, sob o manto das estrella, o corpo transido pelo frio.



Tanta que te esperei!...

O homem que dormia no mesmo banco, a certa altura da madrugada, quando o sol principiava a lançar os seus primeiros raios, acordou. Ergueu o seu rosto sinistro: era o "apache" Bô-bô. Abriu um olho; e logo outro, admirando-se daquella original companhia, que elle não se lembrava de ter visto em parte alguma. Marise, no abandono em que se encontrava o seu corpo fatigado, deixou que a sua bolsa caísse sobre o banco. Bô-bô viu alli um achado providencial. Cautelosamente, deitou a mão á bolsa. Abriu-a. Tirou as moedas que lá se encontravam. Tres francos apenas! Que miseria! Não valia a pena "sujar-se" por tão pouco. Voltou a metter as moedas na bolsa e repôl-a no lugar em que estava. Mas a tentação era muita. A tentação e o habito. Que diabo! Tres francos sempre eram tres francos! A mão de Bô-bô foi-se approximando da bolsa, insensivelmente. Tirou as moedas. Collocou de novo a bolsa no seu lugar e metteu as moedas na algibeira.

Depois deu-lhe um desejo extraordinario de ver aquella carinha, que assim dormia num banco publico. Tocou-lhe de leve no hombro. Marise, sobresaltada, accordou, sem a consciencia do lugar em que se encontrava. Bô-bô fez uma grande reverencia, com ridiculos extremos de gentileza. Marise, ao deparar com aquella figura, ficou de tal maneira assustada, que deitou a correr, sem mais olhar para trás.

Bô-bô riu do susto da pobre pequena e seguiu pelo cães de mãos nas algibeiras, asobiando despreoccupadamente. Alguns metros andados, deparou-se-lhe um homem debruçado sobre o parapeito, olhando attentamente a agua do Sêna, que corria, negra e violenta, lá no fundo. A idéa de um suicidio veiu-lhe immediatamente á cabeça. Evidentemente, aquelle pobre rapaz estava a medir a altura. Approximou-se-lhe e tocou-lhe no hombro:

— A agua deve estar fria, "seu" mano!...

O rapaz ergueu a cabeça. O seu rosto exprimia, realmente, uma grande magua, a magua de infinitas horas de desespero. Era Jean Leonnee. Olhou desconfiado o Bô-bô e respondeu-lhe friamente:

— Não estava pensando nisso. Estava vendo se por acaso...

E era tanta a desolação que se lia no rosto

de Jean, que Bô-bô, conhecedor a fundo das almas, replicou:

— Quem é?... Homem ou mulher?...

— Mulher.

— E esperas encontral-a no rio?

— Talvez...

— Por que tanta pena por causa de uma mulher? Ha milhões de mulheres em Paris?

— Mas nenhuma como aquella!

E com lagrimas, o peito anhelante e entre suspiros, accrescentou:

— Tinha as feições de um anjo!

Bô-bô riu a bandeiras despregadas daquillo que elle considerava uma infantilidade, uma ingenuidade de Jean. Tratou de o dissuadir, de o animar. A vida era uma só. Não valia a pena desperdiçal-a em tristezas.

Tratava Bô-bô de cathechisar Jean para as suas theorias libertinas, quando, do ponto em que se encontravam, se approximou um policial. Jean, ainda convicto que a justiça o procurava, voltou o rosto, para não ser reconhecido pelo guarda. Bô-bô percebeu o jogo, e disse-lhe, rindo:

— Pelo que vejo não os pôdes tragar... E's dos meus. Vem dahi...

E levou Jean para as suas alfurjas, onde vicejava, em plena vida, a dolorosa flor do vicio. Jean deixou-se levar.

Marise que, como vimos, fugira á figura sinistra de Bô-bô, continuou a sua peregrinação, o seu calvario, esmolando aqui, fazendo serviços grosseiros acolá, indo de degráo em degráo na escadaria triste da miseria. Até alli, porém, conseguira defender a sua honestidade; evitara os abusos; atravessara incolume os lodaçoes da vida.

Passaram-se semanas. Passaram-se mezes. Marise encontrava, afinal, emprego na Bolsa, entre o pessoal da limpeza. Eram trabalhos pesados, superiores ás forças do seu organismo enfraquecido por tanto soffrer. Mas que remedio tinha ella senão supportal-o, se precisava de se alimentar?!

Lavava uma tarde a enorme escadaria, de joelhos, uma pesada escova nas suas mãos finas, quando aconteceu de por ali passar o superintendente, um velho de aspecto respeitavel que, olhando-a, lhe disse baixo para que as outras não ouvissem:

— Tenho reparado em tida toda a semana. Creio que este trabalho é penoso de mais... Vem cá.

Brilheu nos doloridos olhos de Marise

uma leve luz de esperança. Ainda havia boas almas no mundo. Aquella era uma d'ellas, uma vez dentro do gabinete do superintendente, este sentou-se na sua secretaria e ordenou-lhe que se approximasse. Disse-lhe, então, com um certo ar de bondade e confiança:

— Vou ver se te consigo trabalho aqui dentro. Pelo menos estarás abrigada e em bem melhor companhia.

Marise agradeceu, cheia de reconhecimento.

— Então és da linda Brittant?... Eu tambem sou de lá!

E confiava os seus enormes bigodes brancos, cheios de vaidade.

— Mas que vieste fazer em Paris?

Aquella pergunta, Marise hesitou um instante, antes de responder. Mas por que não contar? Aquelle homem parecia tão bondoso, tão sincero, tão leal. E Marise desfiou para alli todo o rosario das suas desditas, desde o dia tragico da morte de seu pae até esse calvario de Paris ha tão longos mezes, soffrendo fome e frio, supportando a inclemencia do tempo e a maldade dos homens. Disse, sobretudo, com infinita magua, o desespero de nunca mais encontrar o seu Jean.

— ... e desde então, nunca mais teve noticias delle!...

— Ah! pobre pequena! Elle esqueceu-te para sempre!

— Oh! Nunca! Eu conheço o meu Jean, e sei que seria incapaz de tal.

E continuou dizendo com calor das excellentes qualidades do seu amado, dos sentimentos que lhe ornavam outr'ora o coração e que não se poderiam ter perdido.

O velho superintendente, confiando sempre os seus bigodes brancos e olhando-a de soslaio, tentou dissuadi-la d'aquella esperança de um dia ainda encontrar o seu noivo. ao passo que ia falando, mais se foi approximando della. De repente, prendeu-a nos seus braços fortes, dizendo-lhe:

— Do que tu precisas é de um homem como eu.

Marise, após a primeira surpresa, reconheceu o perigo que corria. Lutou contra o atrevido e luxurioso velho, conseguindo a custo desembaraçar-se dos seus braços e defender-se, fugindo. Dominado pelo seu criminoso desejo, o superintendente tentou de novo subjugal-a, mas Marise pediu o au-

xilio moral da sua virtude que lhe deu energia physica para reagir violentamente. O sensual e atrevido superintendente não levava a melhor, a não ser que quizesse fazer um grande escandalo, que lhe seria prejudicial. Desistiu dos seus criminosos intentos. Marise quasi sem forças pela violencia da luta, amparou-se a uma parede para não cair. E tendo no olhar uma ameaça terrivel, porque suspeitava de nova tentativa do superintendente, disse-lhe com raiva:

— Por favor não o tente outra vez.

E na realidade, o immoral velho não pensou mais em repetir a proeza. Assentou-se á mesa; cofiou de novo os bigodes, que eram o seu orgulho, e começou a ler um jornal, como se nada tivesse acontecido. Marise ficou por alli longo tempo, sem balhuciar uma palavra. Por fim, para se livrar d'aquella situação dolorosa, perguntou:

— Então, meu senhor, que devo fazer?

O velho olhou para ella rancorosamente e teve um sorriso ironico, um sorriso de môfa que fez tremer Marise. Depois disse-lhe rispidamente:

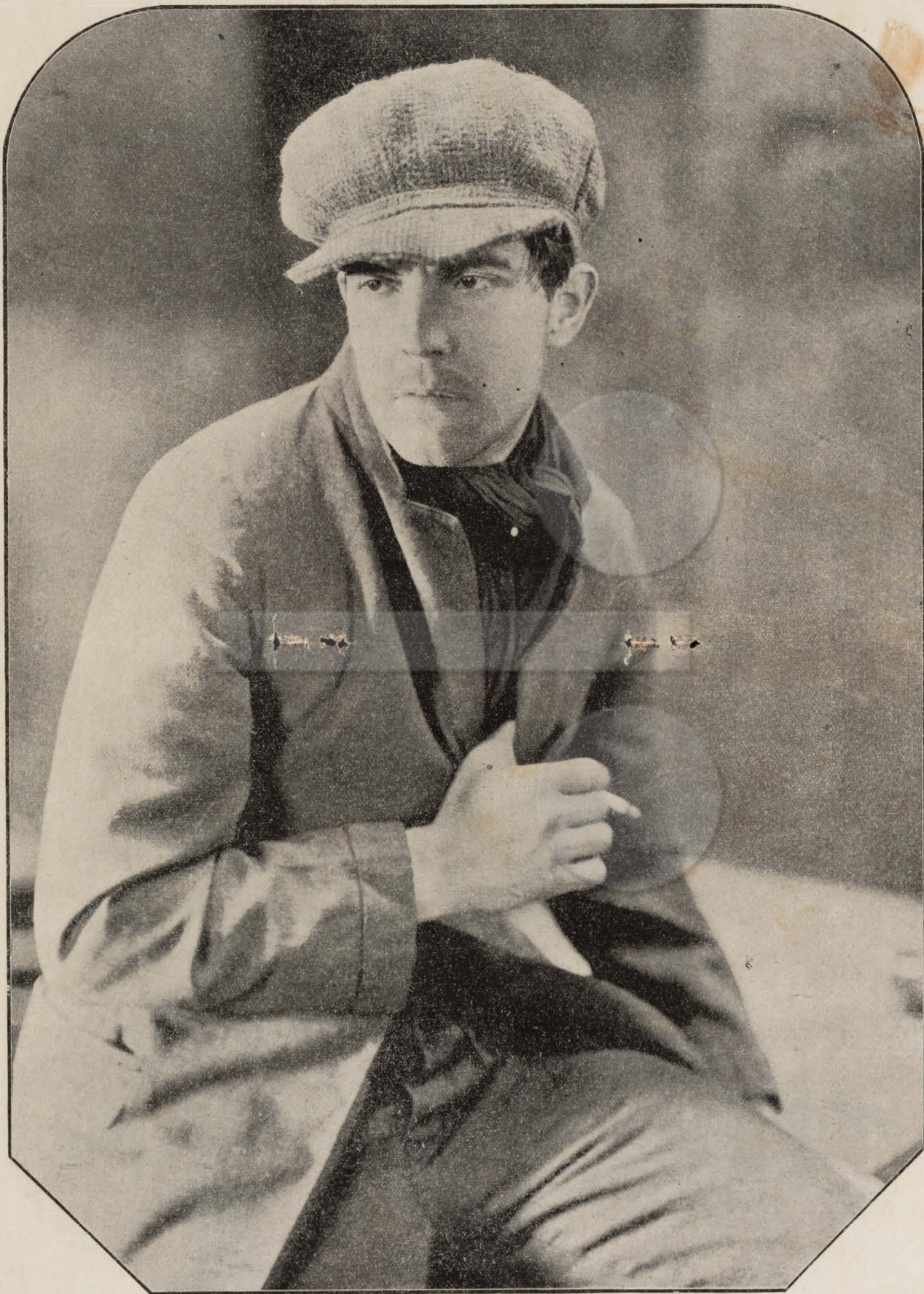
— Receba o seu dinheiro no escriptorio, e pode ir...

Eil-a de novo sem trabalho, sem pão, sem amparo.

Jean, a essa hora, descia mais um degrau na sua vida de miseria: entrava com Bô-bô no botequim Bouchard.

O botequim Bouchard era uma casa em que os freguezes não raro brincavam de esconder com a policia. A fina flôr da vadiagem dos dois sexos; homens e mulheres treinados na pratica de todos os crimes, desde o assassinato ao roubo, ali se reuniam para jogar e beber. Jean, uma alma boa, teve a natural repugnancia ao enfrentar, pela primeira vez, aquelle meio e aquella gente. Mas que fazer? que futuro o poderia esperar que não fosse aquelle, quando a policia o procurava para lhe roubar a liberdade?! Não fôra ella quem fizera que para sempre perdesse a sua adorada Marise? Pois ficaria entre aquelles cujo principal sentimento é alimentar no coração um odio profundo a tudo quanto é lei e auctridade. E deixou-se levar pelo Bô-bô.

Presidiam a "sociedade" que frequentava o botequim Bouchard, o papá Bouchard e a mamã Bouchard, dois acabados typos de tratantes, que se odiavam mutuamente. Ma-



Jean (Ramon Novarro)

mã Bouchard esperava que o marido morresse para se constituir proprietária daquelle antro. Muitas vezes dizia a um audacioso apache seu apaixonado:

— Elle anda com o figado cada vez peor. Tão prompto elle estique a canella, iremos os dois para Monte Carlo gosar a vida!

Papá Bouchard pagava a mulher na mesma moeda. Andava de amores com uma pobre creatura, que o vicio matára os encantos da mocidade, e a quem dizia amiudadas vezes:

— Cêdo a minha mulher morrerá de gorda. Quando ella morrer, iremos, eu e tu viver á margem de um lago suizo!

Taes as desprezíveis figuras do novo ambiente em que Jean ia conhecer nova vida. Bô-bô pôl-o logo em contacto com a sua gente. Abancaram a uma mesa de jogo. Berberam. Jean, pela sua figura desconhecida e pelas suas feições não estragadas pelo vicio, despertou a attenção das mulheres que frequentavam o botequim. Entre ellas, uma se manifestou mais enthusiasmada, Foi Náná. Aproximou-se de Jean. Passou-lhe a mão pelo cabello. Tentou abraçal-o a si. Jean repelliu-a violentamente, enquanto Bô-bô dava a devida explicação:

— Não te enfeites. E' perder tempo, Náná. Elle anda á procura d'uma outra que tem cara de anjo. Chega-te antes para mim que sou firme.

E Bô-bô abraçou Náná que olhava Jean com desprezo e despeito. No abraço com que enlaçou Náná, Bô-bô, para não perder nem o tempo nem o feitio, teve antes de lhe roubar o relógio de ouro que ella trazia pendente da cinta.

V

Aquelles dois infelizes tinham por fim desido o ultimo degrau da sua vida de miseria. Marise conseguira ainda empregar-se em uma fabrica, em trabalhos grosseiros. Mas um dia, na portaria do grande estabelecimento fabril, appareceu o seguinte letreiro:

“Aos empregados: Esta fabrica fechará as suas portas, definitivamente, esta tarde”.

Mais uma desillusão! Mais um passo na miseria! A infeliz Marise não podia mais. Acabara a sua resistencia á desgraça. Esgotára-se o calix da paciência. Muito resistira ella a tanta infelicidade. Perdeu a cabeça e mergulhou no vicio. A principio pensára em suicidar-se. Mas o temôr da morte

e a força imperiosa das suas crenças salvaram-na de mais esse desvario. Do que a não salvaram foi da quêda moral, do esquecimento de todas as suas virtudes.

Entregou-se ao primeiro. E depois a outro, e a outro, e a muitos outros, e foi adquirindo a inconsciência do vicio, a indifrença daquellas baixezas. Tornou-se uma infeliz como tantas. Não havia, dentro em pouco, n'aquelle trapo humano, n'aquella moça precocemente avelhantada, nem sombras de beleza e da candura da delicada e linda Marise. Como as outras jogava; como as outras bebia; como as outras fumava; como as outras era de quem a queria.

O seu ponto habitual passou a ser o café de Madame Pousset, um antro regido por uma megéra, que explorava aquellas infelizes, estúpida e barbaramente. A sua sympathia por Marise era nenhuma. Achava-a uma desleniada, uma triste, uma inutil para o baixo mistér que na sua nojenta taberna exercia.

Realmente, Marise, a sombra de Marise, ficava muitas vezes scismando na sua desgraça, sem se importar quem entrava ou quem saia. Em um desses estados de alma a foi arrancar uma noite a grosseira madame Pousset, que, sacudindo-lhe um braço, lhe disse com rancor:

— Anda, vamos! “Trabalha”.

E apontando-lhe um typo exotico que, isolado, em uma mesa, contava e recontava um grande maço de notas, como um usurario que se revê, risonho, na fortuna alcançada. Marise, com manifesta repugnancia, sentou-se junto do asqueiroso sujeito. Procurou atrahir-lhe a attenção e a sympathia. A principio o homem do dinheiro continuou contando-o, sem dar a Marise maior importancia. Por fim, resolveu aceitar as suas attentões e começou por abraçal-a. Marise não pôde vencer a sua repugnancia. Procurou afastal-o. O homemzinho, embriagado pela cerveja que bebera abundantemente, irritou-se. E desde então não houve maldade que contra a infeliz pequena não praticasse. Puxou-lhe as flores do velho chapéo que a cobria; tentou bater-lhe; e, por fim, para supremo escarneo, despejou-lhe no rosto o resto da cerveja que tinha no copo. E ria o animal, ria bestialmente, como se tivesse praticado a acção mais divertida deste mundo.

Marise levantou-se. Não podia mais suportar aquella tremenda e horrorosa situação. Levantou-se e saiu do café, apertando contra o corpo, para se defender do frio cortante, as pobres e gastas roupas que a cobriam. Na rua um policial abordou-a grosseiramente e ordenou-lhe que se retirasse depressa d'aquella rua. E a infeliz lá seguiu sem destino, pensando que, nem por descer tão baixo, a miseria, a fome e o frio a abandonavam com os seus castigos implacáveis.

Jean, esse por não menos escabrosos e tristes caminhos, dirigia a sua vida. Filiado ao bando do apache Bô-bô, entrou a reubar, fazendo-se assim com inteira razão, um perseguido da policia. Muitas vezes pensou o que seria a sua vida, se um dia os guardas lhe deitassem a mão. Bô-bô tentava tirar-lhe da cabeça essas idéas sinistras.

— Se te apanharem, soffrerás um anno! Ora, um anno não é nada. Quando tiveres passado dez sem vêr o sol, como eu!...

A' procura de victimas em que pudessem realisar as suas tristes façanhas, Bô-bô e Jean foram para a estação da estrada de ferro, onde elle e Marise tinham desembarcado a tanto tempo já. Aquelle logar avivou no coração de Jean horas de infinita amargura, pensando no fim que teria levado a infeliz que para sempre perdera. Subito, junto do mesmo banco, onde n'aquelle dia fatidico deixára Marise, viu uma mulher de costas, lia um cartaz pendente da parede. Essa mulher tinha a mesma altura de Marise; vestia como ella, uma capa alvadia e uma touca branca!

— Céos! Será ella?!

E correu loucamente para a mulher, que, nesse momento, voltando-se, deixou ver um rosto que era o da sua noiva adorada. Jean chorou n'essa hora, lagrimas de tremenda amargura. Bô-bô ria da ingenuidade do seu parceiro.

— Pois tu ainda esperas encontrar aquella carinha de anjo em Paris?...

Passou-se ainda um anno n'aquelle triste existir. Jean tornára-se mais habil na arte de furtar. Era um gatuno temivel e ainda um mais temivel inimigo que a policia contactava. A desgraça aguçara n'elle os instinctos mais bestiaes. Varias vezes, esteve para ser agarrado, mas sempre conseguira libertar-se das garras policiaes, até que um dia, após

uma proeza audaciosa d'elle e de Bô-bô, a policia activou a perseguição, decidida a não o deixar fugir. Foi uma lucta terrivel de que mais uma vez Jean se salvou. Sempre com a policia no seu encaço, conseguiu esconder-se no café de madame Pousset, galgando a escada que levava ao primeiro andar.

Quando procurava uma esconderijo mais seguro, de dentro de um quarto sem luz, uma voz de mulher lhe disse:

— Se tens mêdo que te vejam, amigo, vem pr'a dentro.

Era a salvação. Entrou rapidamente no quarto e fechou a porta sobre si. A mulher, que o convidára a entrar, accendeu a luz. Jean olhou para ella para lhe agradecer o agasalho. De repente, fitando-a melhor, o desgraçado recuou, tomado de espanto. A mulher, por sua vez ficou boquiaberta, a olhal-o espantada. Foi um momento rapido, vertiginoso. Jean erguendo o braço, despediu um murro de extrema violencia, que atirou a desgraçada contra a parede, ferindo-a no rosto. Era Marise!

Não, não! Era mentira! Era uma illusão! Pois a sua Marise, a sua adorada noiva, flôr de castidade e de pureza, era aquella miseravel que lhe offerecia o seu agasalho e o seu corpo?! Não, não! Era uma mentira! Uma illusão! E quanto mais elle a olhava, rangendo os dentes de raiva, mais não queria acreditar em semelhante verdade.

Marise, o rosto banhado em sangue, arrastando-se até os pés de Jean, abraçando-lhe as pernas, enquanto elle a repellia violentamente, balbuciava, chorando:

— Tanto que te esperei!... tanto tempo!... mas tu não voltaste!... Oh! quanto te esperei, quanto!...

E em lagrimas ardentes, ella contou-lhe rapidamente toda a miseria da sua vida, toda a cruz dolorosa da sua existencia!

Jean, quanto mais ella chorava, mais se enraivecia! O desfazer d'aquella imagem, que vivia ainda tão fortemente no seu coração, da noiva pura e boa, desesperava-o! Repelliu-a com azedume, com crueldade. E te-la-ia de novo espancado, se passos apressados que vinham da sacada não o chamassem de novo á realidade do perigo. Era a policia!

Mas elle pouco se importava da sua liberdade. Achava preferivel morrer até. Que lhe importava a vida se nem sequer agora podia sonhar?! A sua querida Marise, o seu



É esta a carinha de anjo que tu procuravas?...

sonho ideal de todos os minutos da sua existência, a sua noiva, que era a única estrela que brilhava no céu escuro da sua desgraça; aquella, enfim, por quem se perdêra, estava allí; reduzida áquella miseravel creatura, que se offerecia a quem passava!

N'um ultimo repellão, Jean desprendeu-se d'ella e fugiu.

VI

Longo tempo vagueou pelas ruas estreitas do bairro escuro, á procura d'um allivio para o seu infortunio tremendo. Quanto mais pensava n'aquella horrorosa figura a que encontrára reduzida a sua adorada noiva, mais lhe parecia mentira a crua e brutal realidade.

A policia, vigilante, e que, de ha muito o procurava, avistou-o ao dobrar de uma esquina e foi-lhe ao encaço. Jean occultou-se, mas os guardas já tinham decidido empenho em lhe deitar a mão, continuaram a perse-

guil-o activamente. Estavam quasi a realisar os seus intentos, quando Jean, na tocaia, apanhou o guarda que passava em sua perseguição e o feriu. Os policiaes redobram de energia no ataque, fazendo activamente fogo sobre elle. Um tiro lhe acertou no braço, levando-o quasi a baquear. Creando animo, correu a occultar-se na casa de madame Pousset e, galgando a escada dum golpe, entrou de novo no quarto de Marise.

— Depressa! Occulta-me. A policia persegue-me!

Marise, que lavava a ferida que o murro de Jean lhe produzira na face, rapidamente occultou o seu antigo noivo n'um vão que existia no quarto. A policia não se fez esperar. Guiada pelas manchas que no soalho caíram do ferimento de Jeaa, entraram bruscamente no quarto de Marise.

— Onde está o fugitivo? perguntaram.

— Que fugitivo?... Eu sei lá quem é que os srs. procuram.

— Um homem que persequiamos e que, ferido, entrou n'este quarto.

— Aqui não entrou ninguém.

— Deixemo-nos de mentiras. Nós vimol-o entrar para aqui. E além disso, alli estão as marcas de sangue, fresquinhas, para o provar!

E apontaram as largas manchas de sangue que se viam na soleira da porta. Marise, que n'aquelles dolorosos tempos aprendera a lidar com aquella gente e a sophismar, teve como resposta um movimento de desdem que desorientou a policia, e acrescentou:

— Gentes! Que "haheis" que são. Pois não vêm logo que aquillo é o meu sangue? Que cahi da escada e me feri?

E apontou aos guardas o ferimento que estava lavando. Os guardas, pelo sim, pelo não, ainda fizeram uma busca minuciosa pelo quarto, sem darem com o esconderijo. Depois retiraram-se, dirigindo ameaças a Marise, com uma leve desconfiança de que estavam sendo ludibriados.

Apenas Marise os viu hem afastados, e com a certeza de que elles não voltariam, foi abrir o esconderijo, donde saiu Jean, quasi desfallecido, exausto de forças pelas dores que soffria e pela enorme quantidade de sangue que jorrava do seu ferimento. Marise levou-o até ao leito; lavou-lhe a ferida; apertou-lhe uma ligadura com extremos de carinho, as lagrimas caindo abundantes dos seus outr'ora lindos olhos azues. E toda a noite alli ficou, junto, sem dormir, lendo-lhe no rosto fatigado a via dolorosa que tinha sido, até aquelle dia, a sua existencia. Um tenue leve de alegria hanhava a alma da infeliz Marise: encontrára, afinal, o seu querido Jean. Muito outro do que fôra? Mas que importava! Era o seu Jean!

Madrugada clara, Jean, sob o dominio da febre que lhe provocara o ferimento, começou a delirar. Era a custo que Marise o prendia no leito, tanto era a violencia da sua agitação. As phrases saíam bruscas, ameaçadoras, da sua bocca ardente. Depois, um nome balbuciou:

— Marise!...

Naquella palavra havia ao pronuncial-a, tanta ternura que a infeliz que a ouvia sentiu-se dominar de extrema commoção e chorou amargamente. E o enfermo continuou a balbuciar:

— Marise... é a manhã, é o dia, amor!...

Jean, no delirio da febre, revia a hora querida em que a tivera nos braços, na casa

abandonada de Brittant. O fogo acariciante do fogão, o seu vestido molhado, todo calado ao corpo; os sapatinhos velhos, que o calor encarquilhara; os beijos com que aqueceram as suas almas tão humedecidas de saudade, como os corpos estavam da chuva. Depois o nascer do dia, entre a alleluia do sol estival e o chilrear dos passaros. Tudo elle revia e o fazia agitar-se, com a febre, no pequeno leito de ferro.

— Não quero que voltes... eu te amo... e quero que fiques a meu lado!...

Era agora a resolução tomada de nunca mais se separarem, apesar da raiva e das violencias do Sr. prefeito Leonnec. Na imaginação febril de Jean renasciam todas as scenas violentas que tivera com seu pae; a defesa que se vira obrigado a tomar daquella infeliz menina, sem amparo na vida, o firme proposito que a si mesmo determinara de a tornar sua esposa.

Com uma doçura infinita na sua voz, Jean dissera ainda, no meio do seu delirio:

— Tens a carinha de um anjo!... Oh! como eu te amo!...

Nesse momento, Marise, aquella doce e casta Marise, na pureza e limpidez do seu olhar, na graça do seu sorriso, na delicadeza da sua figura, surgiu na imaginação de Jean, dealbada da luz da virtude, tal como a deixara nesse dia fatal, nesse dia maldito em que a perdera, na estação da estrada de ferro. E balbuciou ainda:

— Não importa o que elle diga. Eu amo-te e hei de casar contigo!...

Subito, Jean despertou do delirio. Olhou em volta espantado, como quem não tinha consciencia nitida do logar em que se encontrava. E ao dar com o rosto de Marise, banhado em lagrimas, de mãos postas para elle, tomou-se dum furor diabolico, e veiu-lhe um desejo enorme de estrangular aquella mulher, sombra da sua adorada Marise:

— Sáe-te, sáe-te daqui!... Não és tu... Deixa-me!...

E repelliu-a violentamente, brutalmente. Marise, como uma creatura que tivesse perdido todas as energias, todas as vontades, todo o character, rolou no soalho como uma coisa, sem se lastimar, sem balbuciar uma queixa.

Jean queria partir. Marise supplicou-lhe num olhar que ficasse.

— Não, não! Deixa-me ir embora!

E a policia que o espreitava para lhe dei-

tar a mão? Era preciso ter paciência. E durante uma semana, por esse receio á policia e pela gravidade dos ferimentos, alli ficou, silencioso, mordendo os labios de raiva, chorando amargas lagrimas de desespero. Marise, a boa Marise, apesar da brutalidade com que a tratava, servia-o e protegia-o com a fidelidade de um cão. Os dias passaram tristes; silenciosos. As feridas foram cicatrizando. O organismo de Jean foi reagindo e dentro em pouco estava em plena saude. A alma, não. Essa continuava enferma, dolorosamente enferma. Longe da presença de Marise o alegrar, enraivecia-o. A saudade da antiga figura revivia mais forte na presença daquella sua miseravel sombra. Na menor coisa encontrava pretexto para a maltratar. E ella soffria resignada, sem um lamento.

Já completamente senhor da sua saude, um dia, Jean, ao sentar-se á mesa para jantar, viu sobre o prato uma gallinha, luxuosa alimentação para tanta miseria. Teve um riso de mofa, que era mais um "rictus" de dor, e impellido para longe de si o prato, disse-lhe com escarneo:

— Gallinha, hein!... O dinheiro deve andar facil contigo!...

Marise comprehendeu a insinuação e magoou-se. O dinheiro facil com ella! E mostrando-lhe as mãos magoadas em trabalhos grosseiros, a que se entregara nos ultimos dias, para ter dinheiro para o tratar, disse-lhe com humildade:

— Vês as minhas mãos? Achas que é facil?

Elle parou um momento o seu olhar rancoroso naquellas mãos feridas, que tantas vezes beijara quando ellas eram delicadas e brancas. Mas nem esse facto abrandou a colera que inundava o seu coração, antes a fez crescer. Aquella Marise, viva e miseravel, matara para sempre a sua Marise, formosa e pura.

Nesse dia uma visita o surpreendeu: a de Bô-bô, que elle já não via ha muitos dias. Sempre cynico e indifferente ás dores alheias, Bô-bô affeiçoara-se a Jean. Queria-lhe bem, coisa rara no coração daquelle bandido. Entrou. Deu um olhar de soslaio para a mesa onde ainda a gallinha permanecia intacta e agarrando-a immediatamente, arrancou-lhe uma aza que devorou. E depois disse com ironia:

— Talvez o anjo te fugisse, mas sempre conseguiste arrancar-lhe uma aza.

Aquelle anjo era Marise. Ella comprehendera. A referencia de Bô-bô ainda mais irritou Jean, que assim dava mostra da sua fraqueza no amor que lhe tinha dedicado.

Engulida a aza da gallinha, Bô-bô preveniu Jean do que se passava lá por fóra:

— Mano! a policia anda alerta. E' melhor que azules daqui a tempo.

Jean, que ha muito alimentava essa idéa, suggestionado pelo aviso de Bô-bô, ergueuse da mesa, dizendo:

— E vou já. Quero ir-me embora, para nunca mais aqui voltar!

Marise ia supplicar-lhe que ficasse; que não saísse mais de junto della. Mas Jean repelliu-a com rancor, com verdadeira raiva, tratando-a miseravelmente. E saiu, batendo violentamente a porta. Bô-bô acompanhou-o. A' porta, o apache, condoido daquella pobre creatura, fez-lhe signal para que os seguisse. Marise poz o seu velho chapéo de flores e seguiu-os.

Entraram no café. Ia lá uma balburdia enorme. A sala estava cheia de mulheres da fina flor da vadiagem e da gatunice. Havia pelas mesas largo campo de observação para o estudioso mais exigente. Verdadeiros monstros moraes, a que se alliavam alguns monstros phisicos. Entre estes, levava a palma o "Sapo". Era um homem, se tal se lhe podia chamar, que se compararia a Quasimodo, na fealdade hedionda do rosto, na bestial expressão do olhar, na animalidade da vida e dos sentimentos. Uma verdadeira chaga humana. As mulheres repelliam-no; os homens desprezavam-no. E elle ria-se de uns e outros, domando-as a ellas pelo dinheiro, e a elles pela força. Porque, além de tudo, tinha uma herculea constituição phisica.

O resto da frequencia daquelle café afinava, no moral, por este mesmo diapasão. Quando Jean e Bô-bô ali entraram foram recebidos festivamente. Para aquellas almas pervertidas, Jean, pela audacia com que lutava contra a policia, era um verdadeiro heroe. As palmas com que o receberam, mórmente as mulheres, eram o signal evidente do predominio que elle exercia sobre todas aquellas miseraveis creaturas. Jean sentiu-se envidado e orgulhoso porque ella presenciava aquelle triumpho. Marise sentiu com esses applausos uma dor ainda maior, porque tinha

receio de o ver para sempre perdido. Quando Jean reparou que ella os acompanhava, pensou em tomar da infeliz uma vingança ainda mais cruel. Deixou-se abraçar e beijar por todas as mulheres; bebeu e cantou, como se a alegria mais louca o dominasse; como se não houvesse naquella alma nem a sombra de uma saudade pelo passado. Bô-bô, que nunca tinha visto Marise senão naquelle dia — porque não fixara a sua imagem de ha tres annos — desconfiou do estado de exaltação e perguntou-lhe ao ouvido:

— Então, este é o anjo que andavas buscando?

E reparando no estado miseravel em que estava a infeliz Marise, teve uma expressão ironica:

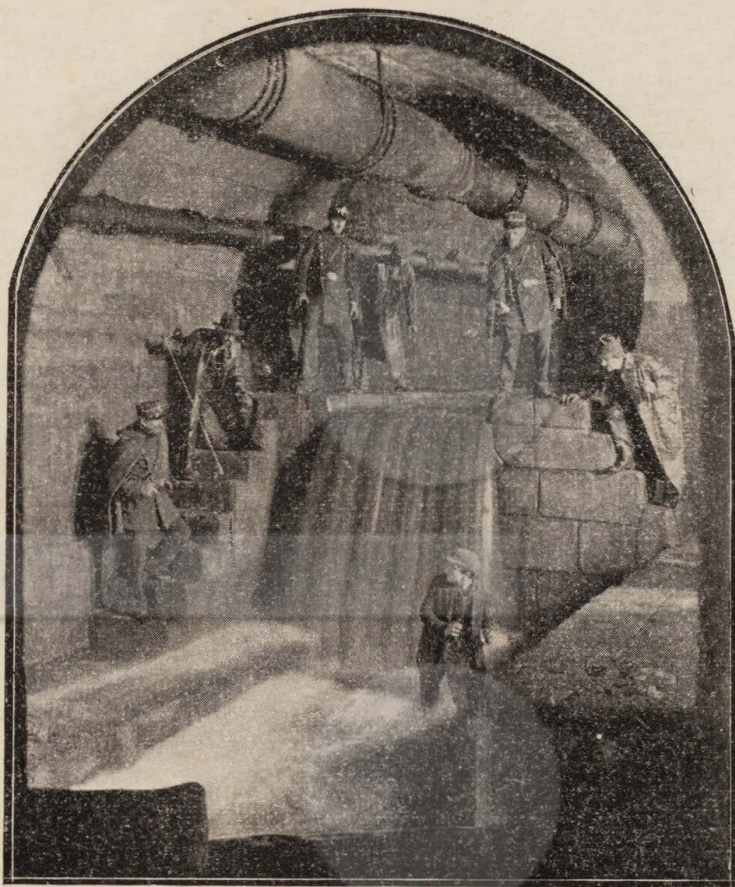
— Safa! Que horror!

Esta repugnancia dos seus camaradas de infortunio, em vez de abrandar o odio de Jean, mais o exaltou contra a infeliz, que o seguia humildemente. Nelle tinham-se apagado todas as grandes virtudes; perfeitamente em conformidade com aquelle ambiente deleterio, como todos aquelles aquelles miseraveis pensava e sentia. Olhando para Marise, deu de hombros num grande gesto de desprezo, e voltou a embriagar-se dos applausos daquella turba, dos beijos daquellas mulheres. A um canto, resignadamente, Marise soffria tudo. A' certa altura, um daquelles miseraveis, approximou-se-lhe, fez-lhe propostas vergonhosas; tentou beijal-a. Ella repelliu-o. E toda aquella malta de vagabundos riu ás gargalhadas, sendo Jean o que mais ria, não obstante no seu riso haver qualquer coisa que mais se assemelhava ás lagrimas.

Marise olhou para elle. Outro qualquer se commoveria, tanto era o soffrimento que nesse olhar se poderia ler. Mas Jean não via, não queria ver naquella mulher a creatura miseravel que lhe matara a Marise dos seus sonhos. E veiu-lhe então a mais cruel, a mais deshumana das idéas, alguma coisa que o igualou nesse momento a uma féra.

Chamou a atenção de quantos estavam no café. Pararam as conversas e os cantos. Todos olharam para Jean, escutando as suas palavras. Aquella alma pervertida, aquelle coração impedernido pela miseria, agarrou a infeliz Marise por um braço e apontando-a a todos, disse com a bocca espumando de raiva:

— Estou farto deste trapo. Eu não a quero



Nos canaes subterraneos de Paris

mais. Tenho-lhe asco. E como não acho que ella seja digna de ninguem, vou entregal-a, como merece, ao “sapo”. Se o “sapo” a quizer que lhe faça bom proveito!

E levando-a á força, atirou com ella violentamente para dentro de um gabinete, onde estava o “sapo” e fechou a porta. Marise deixou fazer tudo isto sem uma supplica, sem uma queixa, sem uma palavra. Lançada, assim, Marise nos braços daquella repugnante creatura, Jean voltou á mesa, onde estavam as outras mulheres e, bebendo para esquecer, começou a cantar e a rir, como se alli perto, na mais angustiosa e nauseante das situações, não estivesse aquella

pobre creatura que elle arrancou das terras lindas de Brittant para a trazer para o torvelhinho e para a miseria de Paris; como se elle não fosse o primeiro e maior responsável de tanta desgraça.

VII

No meio daquella algazarra, daquella balburdia, entre beijos e gargalhadas, quem reparasse attentamente em Jean veria que não era sincera na sua expansibilidade. Náná abraçava e beijava o seu heroe. Jean correspondia aos seus repugnantes carinhos, mas os seus olhos, de quando em quando, poustavam febris na porta do gabinete onde estavam Marise e o "Sapo". Não lhe era — não poderia ser — indifferente o que ali se estava passando. Olhou ainda uma vez e, de repente, repelliu com violencia Náná, que estava sobre os seus joelhos. Foi direito á porta do gabinete e quiz abri-la. Estava fechada. O "Sapo" tinha dado a volta á chave. Tomou-o um assemo de desespero. Chorou. Tentou de novo abrir a porta. Quantos estavam no café olharam silenciosos aquella scena. Por fim, como a porta não cedesse e o "Sapo" não se resolvesse a abrir, tomou de uma cadeira e despedaçou com ella a porta, que era fragil. Depois abriu-a, sem se atrever a entrar, com receio do que se estaria passando lá dentro, e que poderia leval-o ao desespero de estrangular Marise.

Quem primeiro appareceu foi o "Sapo". Vinha com o rosto em um estado miseravel. As unhas de Marise tinham-lhe aberto no carão hediondos sulcos de sangue.

— Quando tiver gatas como aquella, é favor deixar-me em paz! Vejam o estado em que ella me poz!

E uma gargalhada unisona, estupenda, respondeu ás palavras do repellente apache, que veiu sentar-se a uma mesa, acabrunhado, limpando o sangue que lhe escorria dos arranhões.

Lá dentro, num desolador estado de prostração, occasionado pela luta, encontrava-se Marise. As suas forças estavam tão esgotadas que ella se apoiara á parede para não cair. O cabello em desalinho, a roupa em farrapos, as mãos cheias de sangue, era a imagem dolorosa e pungente da maior dor! O coração mais crú, mais indifferente, não poderia ficar insensivel deante daquelle

quadro. Os seus olhos banhavam-se de lagrimas, que elle não saberia dizer se eram lagrimas de arrependimento, se lagrimas de raiva! Naquelle momento passaram-lhe na alma tão bruscas e desencontradas sensações, que parecia ir esquecer. A figura da sua noiva gentil e pura envolvia-se nas roupas andrajosas da infeliz que tinha deante dos olhos! Poderia salvar-a? Devia desprezal-a? O seu amor, a sua vida de outr'ora transformara-se, de fogo que era, em cinzas, em nada. Todo o castello dourado das suas illusões tinha ruido, mercê das agruras, das fatalidades do destino.

Todas estas coisas lhe passaram tumultuariamente no cerebro nos curtos minutos em que se ficara a olhar a figura miseranda de Marise, quando grito unisono da sala o despertou:

— A policia!

Toda a gente apressadamente se dispoz nas mesas, com indifferença apparente, como se nada succedesse. Bô-bô e Jean é que não podiam fazer o mesmo. Bô-bô desapareceu como por eneanto. Jean entrou no gabinete em que estava Marise e fechou de novo a porta. De pouco servia porque ella estava rebentada. Marise como que readquiriu repentinamente novas forças para salvar Jean.

— Depressa, foge! Deixa-me, que elles não se importam connigo! Foge.

E abriram o alçapão que nesse gabinete existia e que communicava com os canos subterraneos das aguas de Paris. Mas a policia chegara a tempo de ainda ver Jean. Como a porta não cedesse immediatamente ao impulso dos guardas, o braço de um delles penetrou pela brecha aberta por Jean e empunhando uma pistola disparou. Rapidamente Marise tinha-se collocado entre a pistola e Jean que penetrava no alçapão. A bala veiu feril-a em cheio no peito. Cambaleou, gravemente ferida. Jean tinha conseguido evadir-se, penetrando nos grandes canaes, onde a agua corria impetuosamente.

A policia estava disposta a não o perder mais uma vez. Um grupo de guardas correu em sua perseguição. Foi uma luta titanica em que Jean teve de nadar, por vezes, na grande correnteza, sob o chuveiro de balas que lhe despejavam os policiaes. Quando a perseguição era mais energica e Jean podia subir na parede do canal, occultando-se atraz

de um cunhal, despejava tambem o seu revolver para amedrontar os guardas, que remavam atemorizados. Mais de um foi alvo das balas certeiras de Jean. Durou horas aquella caça ao homem. Por fim, a policia perdeu-lhe a pista. Jean tivera arte de se esconder, de modo que os policiaes passaram, deixando-o na rectaguarda. Elle sabia melhor do que elles o segredo daquelles canaes e onde se poderia salvar. Tres annos de vida de aventuras tinham-lhe permittido penetrar os mysterios do Paris subterraneo.

Jean. Quando elle appareceu, os circumstantes olharam-no desconfiado. Tranquilisou-os. Descreveu-lhes o que se acabava de passar. Como a policia o perseguira e como elle conseguira escapar-lhe. Bô-bô não tardou a apparecer. Tendo sabido que elle fugira pelos canaes, sabia de antemão onde elle iria parar. Não se enganou. Jean ficou contente em rever o seu amigo. Quando Jean acabou de contar as suas proezas, Bô-bô, meio triste, chegou-se perto delle e segredou-lhe:



A bala ferira-a em pleno peito

Tomando uma direcção que elle conhecia, penetrou, por uma escada occulta, em uma dessas tabernas mysteriosas, cuja existencia a policia desconhecia. Todos quantos se sentam ás suas mesas são foragidos das prisões. Olhar-lhe o "facies" repugnante de degenerados é ter a idéa precisa de quanto são capazes semelhantes creaturas. A vida, para ellas, é um lençol de sangue, e no seu cerebro não tem agasalho o mais leve sentimento bom.

A esta alfurja, que aliás já conhecia, foi dar

— A tua carinha de anjo está no Hospital de Saint Louise!... Está á morte!...

— A' morte?!

— Sim. Consta-me que não escapa. E tu aqui não estás seguro.

— Para onde ir?

— Não sei. Se ficar, talvez te descubram. Se saés, estaremos todos perdidos.

Mas que importava a Jean salvar-se ou perder-se? O remorso, o remorso de quanto fizera áquella infeliz, era o unico sentimento que o dominava por completo. Todo o seu

desejo era estar perto della, cuidar della, salvar-a. Com o seu genio impetuoso e ardente, não medindo nunca perigos, resolveu desde logo sair e ir ver Marise ao hospital. Bô-bô ficou alarmado. Sair? Era loucura! Era a prisão sem duvida alguma! Embora! Elle iria! E foi.

Com o maior cuidado, evitando encontrar, no seu caminho, qualquer policial, fugindo aqui, occultando-se além, conseguiu approximar-se do hospital. Durante muito tempo ficou-se a olhar da rua aquelle casarão frio e silencioso, com as suas janellas cerradas, por detraz das quaes passavam vultos apressados. A sua Marise estava ali! Morrendo, talvez, sem ter quem lhe cerrasse os olhos, quem lhe dissesse uma palavra de consolo! Precisava vel-a. Precisava falar-lhe. Precisava pedir-lhe perdão do quanto a fizera sofrer! Ganhando coragem, entrou. O porteiro impediu-lhe a passagem.

— Quem é e que quer?

— Sou irmão duma mulher que hoje entrou gravemente ferida por um tiro de revolver. Dizem-me que está á morte. Quero vel-a.

O porteiro foi primeiro saber se poderia ser permittida a entrada. Demorou algum tempo. Foram minutos febris de desespero para Jean. A sua vontade seria romper por alli dentro, sem esperar a permissão. O porteiro veio, afinal, dizendo-lhe que podia entrar. Indicou-lhe o numero da enfermaria e o numero do leito. Jean correu, galgou dum pulo a escadaria e andou ás tontas antes que encontrasse a enfermaria indicada. Por fim entrou. Eram duas filas de leitos brancos, quasi todos occupados. Foi direito ao numero que lhe tinham dado como sendo o de Marise. Era ella.

Marise, os olhos cerrados, a face branca, de uma brancura ideal de neve, repousava serenamente no seu leito, tendo entre as duas mãos niveas um rosario. Os seus labios moviam-se imperceptivelmente. Jean approximou-se na ponta dos pés, olhou aquella face querida, e caiu de joelhos junto do leito, chorando convulsamente. Elle, que ha tantos annos não abria os seus labios para uma oração, que se divorciara, por completo, de Deus e das suas crenças, ergueu as mãos ao céo e exclamou, chorando:

— Meu Deus! Apiedae-vos de mim, um miseravel peccador!... e dae-ma outra vez, para que eu a proteja e ame!...

Marise não dava accordo do que se passava em volta de si. Com a morte a adejar-lhe em redor do leito, parecia já não pertencer a este mundo. Só os seus labios continuavam movendo-se levemente. E olhando a sua face pallida, por entre a nevoa das lagrimas, Jean dizia-lhe baixinho:

— Marise! Não quero que morras!... Vive para mim, para o nosso amor! Eu te amo!... eu te amo!...

E de novo caiu a soluçar sobre o leito. As enfermeiras acudiram ao ouvirem as suas supplicas, ao verem o seu desespero. Tentaram tiral-o de perto do leito da enferma, mas Jean obstinou-se em ficar alli, em não deixar um minuto mais aquella que elle julgava perdida para sempre. Foi preciso chamar o auxilio dos guardas e do proprio director do hospital. Um dos guardas reconheceu Jean. Foi dado aviso á policia e d'ahi a minutos o infeliz dava, pela primeira vez, entrada no carcere.

A falta de noticias de Marise foi a principio uma tortura para Jean. Depois, alguns dias passados, vieram dizer-lhe que a sua adorada noiva estava livre de perigo. Renasceu em Jean uma alma nova. Ella vivia! Ella podia ainda ser feliz. O futuro apparecia-lhe agora cheio de luz, cheio de sol, inundado de promessas. Poderia ainda ser feliz? Por que não? Não tinha sido bastante o que já tinham soffrido aquelles dois corações? Não bastava ao impiedoso destino quanto tinham supportado as suas almas simples, as suas almas boas, as suas almas innocentes?...

Dois annos durou aquella provação, aquelle encarceramento nas lugubres prisões. Deste modo, Jean liquidava com a sociedade as dividas que abrira para com ella e liquidava-as honrosamente. Cada dia que passava, pela sua bondade, pela sua resignação, pela sua conducta, emfim, apagava as noçoas com que manchava o seu nome. Os directores e guardas da prisão chegaram a ter por elle uma amizade sincera. Trabalhava com enthusiasmo, com dedicação, com paixão até. Se o mandassem sair da prisão, elle pediria para ficar. A regeneração fazia-se nelle completa, perfeita, admiravel. Ao fim de um anno era outro homem. O seu organismo, castigado pelos desregramentos, pelos vicios, readquirira a sua antiga força, a sua antiga energia. Havia nos seus olhos melhor luz e nos seus musculos mais rizeza. De quando em quando, dominava-o uma profunda tristeza: era a



Meu Deus! Salva-a!...

lembrança dos dias de sangue e miséria que passára. Mas bastava uma boa notícia de Marise para logo se animar e ganhar confiança no seu futuro.

Ao mundo e á gente em que vivera aquelles tristes tres annos, nada o prendia, a não ser a amizade de Bô-bô. Este é que andava estonteado. Não comprehendia que Jean preferisse regenerar-se a voltar ao meio da gente que o adorava. Muitas vezes conseguira Jean que elle o visitasse sem o perigo de ser apanhado pela policia. De cada uma dessas visitas, Bô-bô regressava pensativo, machinando sob a transformação moral e physica do seu amigo. Vivendo desde creança entre as miseraveis creaturas com quem vivia, não podia comprehender que houvesse outra vida melhor que aquella vida para ser feliz. Qual — dizia de si para si — qual! Isto é historia! Em elle se vendo livre da gaiola, volta a ser dos nossos, volta á sua vida antiga. Jean não perdia a occasião, de cada vez que elle

o visitava, de o convencer que a vida era alguma cousa de mais bello, de mais nobre, de mais consolador que esse viver de reptis humanos que elle levára, e que Bô-bô continuava levando, no "bas-fond" de Paris. Acima dessa lama abria-se o azul do céu, o clarão das estrellas, o calor vivificante do sol. Bô-bô abanava a cabeça e ria. Aquillo eram historias dos burguezes, dos homens que o tinham alli presos. Elle não caia na asneira de lhes dar credito. Mas, pouco a pouco, como a gotta de agua que, branda e fragil, chega a perfurar a pedra dura, as palavras de Jean iam caindo na alma de Bô-bô e fazendo alli uma impressão indelevel. Bô-bô chegava a irritar-se comsigo proprio, desesperado por ver que Jean tinha razão e que elle se via obrigado a confessal-o. Irritava-o, sobretudo, o pensar que um dia se veria obrigado a deixar a vida que até então levava, e que elle julgava a unica compativel com o seu temperamento e com as suas idéas.

Do hospital onde longos mezes demorava até que se curasse do grave ferimento recebido, Marise passou para um asylo onde ia agora tratar de curar a sua alma. A cura era facil. No mais intimo do seu sêr, Marise nunca deixaria de ser a mulher honesta que sempre fôra. A honestidade aqui não significa a correção de actos, mas a repulsa consciente ás más acções que a desgraça a obrigava a praticar. Cada novo degráo que o destino a forçava a descer era causa d'um martyrio, d'uma profunda dôr para a sua alma. Reagira o que pudera. Lutara, soffrera, passara as maiores agruras por que pôde passar uma mulher; e só caíra quando os espectros da fome e da morte lhe venceram, por completo, as inergias da alma.

Deste modo, nenhuma cura mais facil que a sua cura. Completamente, ou quasi completamente restabelecida do ferimento, que quasi a levára á morte, Marise entrou no asylo disposta a erguer-se de novo para ser feliz. Sabia que o seu adorado Jean, dentro do carcere, ia tambem voltando ao que fôra; e isso dava-lhe uma immensa coragem para vencer, na sua alma e no seu corpo, os instinctos que a vida do vicio conseguira despertar nella.

Dentro em pouco, Marise era outra. Ganhava em belleza physica o que conquistava em perfeição moral. As irmãs adoravam-na. Conheciam-lhe a historia triste, que ella lhes contara uma e muitas vezes. Davam-lhe coragem nos momentos de desanimo. E as noticias que, de quando em quando, lhe trazia Bô-bô, do seu adorado Jean, ajudaram-na a supportar aquella reclusão. Desenvolveu as suas aptidões, os seus gostos, as suas habilidades femininas, que uma educação precaria fizera muito deficientes. Sentira despertar no seu coração desejos puros, encantos desconhecidos; e pouco menos de um anno bastou para que nella desaparecesse o ultimo vestigio desses tristes tres annos passados entre a mais vil das existencias.

De quando em quando, a lembrança da vida passada faziam-na seismar. Querere-lhe-hia Jean como antigamente? A recordação do estado em que a encontrara não apagaria a pureza daquelle amor antigo, tão ridente e bello quando vivido nas campinas floridas de Brittant? Elle voltaria a ser o mesmo?... Era a unica nuvem escura que toldava o céu da sua esperanza.

Dois annos passaram. Passaram quasi sem

se sentir. Jean saiu da prisão entre os abraços dos seus directores e as lagrimas de saudade dos amigos que alli conquistára. Parecia outro. Se apparecesse de novo no café de Madame Pousset não o reconheceriam. Bô-bô esperou-o á porta da prisão. Para agradar ao amigo, vestira-se tambem decentemente não sem que nessa transformação desaparecesse por completo o typo caracteristico que elle era, de "bas-fond". Jean abraçou-o commovido. Ha muito tempo que no seu coração se alimentava a esperanza de ver o amigo regenerado. Pensára até em o levar comsigo para Brittant, onde tencionava viver com a sua adorada Marise.

O primeiro desejo de Jean era correr ao asylo onde estava a sua adorada. Havia, porém, certas praxes a cumprir, instruido, além disso, o receio que o seu apparecimento subito fosse causar á sua Marise. Bô-bô foi encarregado de ir preparando o espirito da asylada. Como ella andasse um pouco mais alegre do que o costume, as irmãs, curiosas, perguntaram-lhe o motivo:

— E' que Bô-bô disse que Jean anda ausente ha mais de uma semana... Eu sei que elle vae vir em breve e que iremos de novo ser felizes!

Esse dia chegou. O coração de Jean batia mais forte ao entrar o portão do asylo, como se fosse ver a mulher amada pela primeira vez. O ramo de flores que levava para lhe dar, apertava-o nervosamente na mão. Entrou a portaria. Esperou. Breves minutos, que lhe pareceram seculos. A porta abriu-se. E elle viu, entre duas carinhosas irmãs, a sua Marise de Brittant, resurgida, com o mesmo olhar limpido e casto, com o mesmo rosto claro, com a mesma formosura e o mesmo pudôr. Teve vontade de se lançar de joelhos e beijar-lhe a fimbria do vestido para lhe pedir perdão. Apertaram-se as mãos com lagrimas a deslisarem nas faces. Beijou-lhe a mão uma e muitas vezes. Queria leval-a immediatamente comsigo. Porém, o regulamento do asylo não permittia que as suas educandas saíssem do estabelecimento sem se cumprirem certas praxes e se firmarem certos compromissos.

Foram dias, aquelles poucos dias, que Jean viveu em uma agitação febril. Bô-bô não o largava um momento.

— Não é que este diabo fez de mim um homem "serio"! — dizia-lhe muitas vezes a galhofas.



Queria logo ter-a consigo!...

Realmente, Bô-bô desde ha muitos mezes que não bebia, nem roubava. Ultimamente nem apparecera mais nos seus pontos predilectos. E quando Jean lhe propôz ir viver com elle e Marise para Brittant, não hesitou; acceitou.

Certo, elle ficaria com saudades da sua vida de aventuras. Não se muda de ninho como quem muda de camisa. Elle não bebia nem roubava pelo prazer de roubar ou de beber. Era um habito; chegavam a ser quasi actos inconscientes. E a sua alma alimentára-se de semelhante anormalidade, como se alimentaria de sãos principios de honra e bondade, se assim o tivessem conduzido desde a sua infancia.

Por fim, chegou o dia festivo, o dia grande, o dia bello. Desde cedo, Jean e o Bô-bô esperavam a saída de Marise do asylo. Por fim appareceu acompanhada da directora. A bondosa irmã fez-lhe varias recommendações e pedir-lhe que nunca se esquecesse

d'ellas. Depois de um beijo que lhe deu na testa, lembrou-lhe aquelle versiculo do Evangelho:

“Mulher! A tua fé te salvou! Vae em paz!”

* * *

O trem parou, naquella manhã clara e linda, na estação de Brittant. Havia, como antigamente, flores nos caminhos e passaros a chilrear nas arvores. Sómente, o Sr. prefeito de Brittant era outro. O pae de Jean tinha morrido.

De novo aquella terra querida tornava a encher de prazer os seus olhos cançalos de soffrimento. Agora parecia-lhe mais bella, mais florida, mais acariciante, porque para lhe admirar as bellezas e receber a sua reacção foi preciso conhecer que no mundo nem tudo era bom, nem tudo era justo, nem tudo era bello. Não ha como a experiencia para dar ás almas a sensaçõ

exacta dos valores. Noutros tempos, nenhum dos encantos que aquelles campos lhe offereciam teria força bastante para o fazer parar e pensar. Agora, parecia-lhe que cada passaro nas arvores, cada flor na sua haste lhe dizia: "Bons dias, amigos! — Que saudades!"

Subindo para uma carroça que estava junto da estação, os dois, enlaçados, guiaram o burrico pela estrada branca de poeira, como antigamente. Uma differença havia apenas:

um passageiro a mais na carroça. Era Bô-bô mettido n'uns asphixiantes collarinhos, e que ia ser o companheiro da felicidade dos seus amigos. Era como se nada tivesse succedido. Que era feito das noites de miseria e dôr, das horas angustiosas de fome e frio? Como lembrarem-se dellas no meio da sua felicidade? Tudo se desfizera como um sonho máo. Tudo que era fogo, se transformou em cinzas e nada. Eram, finalmente, felizes, sobretudo porque muito tinham soffrido.

— FIM —

